

## Desafios, perspectivas e possibilidades a prática pedagógica transformadora no contexto da escola Arruda.

Jorge Antônio de Oliveira Satt<sup>1</sup>

O processo de caminhar para si (JOSSO 2004), buscando o desvelamento crítico de quem sou, como estou e porque estou continua! São caminhos e descaminhos de uma história construída na interface do eu com os outros e outras no mundo, bem como, das aprendizagens adquiridas no decorrer da experiência sócio-histórica. É dentro deste contexto, permeado pelas inquietudes, incertezas e dúvidas que vou me constituindo sujeito, cidadão, educador ambiental, pesquisador de mim e do mundo, gestor escolar. É desta última vivência, em especial, que este texto irá tratar, com ênfase no processo auto-reflexivo propiciado pela metodologia das histórias de vida, que através do processo narrativo

“(…) mostra o que foi aprendido em termos de um saber-ser sociocultural; de um saber-fazer; de conhecimentos nos domínios mais diversos, de tomadas de consciência sobre si, sobre as relações com os outros em diversos contextos ou situações; das qualidades ou fragilidades nos planos psicossomático, pragmático (instrumental e relacional) e reflexivo (explicativo e compreensivo)” (JOSSO, 2004, p.68).

A chegada ao cargo de diretor escolar foi mais um passo importante no processo de amadurecimento pessoal, profissional e intelectual. Foi e está sendo a possibilidade de implantar, idealizar, planejar e realizar projetos. A oportunidade de estar participando da construção de uma escola com os princípios, ideias, conceitos pedagógicos que acredito, defendo e pelos quais luto sustentados por uma pedagogia transformadora da realidade, libertadora de homens e mulheres tem sido instigante, desafiadora e gratificante. Neste percurso fui motivado pelas condições inerentes ao cargo de fazer mais, de contribuir mais com a formação cidadã dos nossos estudantes, com o bairro, no qual estamos inseridos, com

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande/ RS. Mestre em Educação Ambiental pelo Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental PPGA/ FURG. Professor da rede pública municipal e estadual de ensino da cidade do Rio Grande/RS. Diretor de Escola Municipal de Ensino Fundamental.

melhores condições de trabalho para os professores, com a constituição de um espaço pedagógico permeado por aprendizagens e experiências significativas.

Hoje, olhando para trás, rememorando minhas andanças pelo mundo (SATT, 2009) percebo que a decisão de estar diretor, já tinha sido tomada por mim muito antes de estar atuando na própria escola. Recordo-me de minha infância, quando brincávamos de escola e eu sempre queria ser o professor ou o diretor. Encantava-me a ideia de ensinar, mas também percebo que o interesse em “brincar de ser diretor” estava associado a sua figura de poder, aquele que organiza, coordena, delibera, que decide. Isto estava no meu imaginário de criança. Eu fui vivenciar na prática o que meu imaginário construiu acerca do papel do professor e do diretor de escola.

Neste sentido, o diretor que estou foi se constituindo no decorrer da experiência de vida, das influências dos meus professores e das escolas pelas quais transitei. A experiência escolar nos deixa marcas e as minhas, foram tão profundas e intensas que quis retornar a este espaço, conhecê-lo, desvelá-lo experienciá-lo e problematizá-lo em sua profundidade.

Um fato que merece atenção, é que no decorrer da história da escola Arruda<sup>2</sup>, que tem trinta anos, eu sou o segundo diretor eleito democraticamente, sucedendo a gestão da professora Girassol que permaneceu no cargo durante vinte e cinco anos. Ao me debruçar sobre esta situação, fico me questionando o porquê de um período tão longo com uma mesma pessoa a frente da administração deste espaço? Porque outras pessoas ou grupos não se organizaram para assumir esta função? A professora girassol concorreu na maioria das vezes em chapa única, ou seja, sem concorrência, tendo mantido ao seu lado a mesma vice diretora, por mais de vinte anos. Qual o significado e as implicações de sua permanência no cargo para o contexto escolar e para o bairro?

Considero que represento no decorrer da história da escola Arruda uma transição, não no sentido de melhor ou pior do que aquilo que vinha sendo feito, mas, diferente, com outro olhar, com outras perspectivas, possibilidades, sonhos, projetos, desejos, vontades e crenças.

Quando assumi a direção da escola tinha clareza de que era preciso avançar em uma série de questões, principalmente no que se refere ao aspecto pedagógico, a formação continuada dos professores, ao fortalecimento da parceria com a comunidade, ampliando a sua participação dentro do ambiente escolar, a qualificação dos processos de ensinagem e

---

<sup>2</sup> A escola na qual atuo será denominada por uma erva de chá utilizada em banhos de limpeza espiritual, popularmente conhecidos como "banho de descarrego". Esta prática é adotada pelos adeptos ou simpatizantes dos cultos umbandistas.

aprendizagem, entre outros. Estes eram e são alguns dos desafios que tínhamos e temos pela frente, buscando melhorias no próprio processo da gestão escolar.

Embalado pela gentitude de ser educador, pelo sonho de uma escola aberta, plural, diversa, democrática e com efetiva participação social, deixo de analisar a escola a partir das quatro paredes de uma sala de aula, como professor de história e passo a compreender o seu todo, o seu entorno, a sua história e o seu contexto, no exercício da função de diretor.

Tenho vivido intensamente esta experiência, tanto que mesmo nos raros momentos de descanso, o pensamento me remete as atividades escolares, aos compromissos, aos projetos que quero implantar, as transformações que pretendo realizar, de forma a fortalecer a prática pedagógica e assim, contribuir com a formação intelectual, social e cultural de nossa comunidade, mas, acima de tudo, com a formação humana. Para Freire (2002) é dever de o educador desafiar os grupos populares a perceberem a profunda injustiça que a situação concreta lhes impõe, acomodando-os em uma condição considerada irreversível e que de fato, não é, pois, a nossa história é construída a cada dia, a cada experiência, a cada dificuldade. Ela não pode nos determinar nos amarrar em uma trama, ela tem de nos libertar.

É destas amarras impostas pelo sistema capitalista que nos oprime, que nos explora, que tenta nos imobilizar, que quero me libertar, para poder dizer a minha palavra (BASTOS, 2008), e contar, narrar, repensar os caminhos trilhados e as experiências adquiridas no decorrer de minha própria existência no e com o mundo (JOSSO, 2004). É assim que me sinto. Amarrado para escrever, para pensar, para refletir. É preciso escrever, registrar e rememorar, afinal, “lembança puxa lembrança” (BOSI, 1979, p.3). Ao fazer isto vou qualificando a experiência vivida dando sentido e significado a mesma e extraíndo dela, as aprendizagens necessárias a minha constituição como educador/gestor escolar.

Desde 2011, quando assumi de forma interina a vice direção da escola Arruda até este momento, muito poucos foram os eventos, seminários, fóruns, grupos de estudos e textos que consegui produzir/participar. E o que esta situação representa? Que o gestor escolar não reflete sua própria prática? Que não valoriza os espaços de formação? Se não participa ou valoriza os espaços de formação como os viabiliza no cotidiano escolar? Estes são alguns dos questionamentos que tenho me feito no decorrer de mais esta trajetória, carregada de sentido, significados, aprendizagens e implicações em meu processo de constituição/formação. Como é difícil articularmos na escola espaços para estudo, reflexão, trocas de experiências, sendo ela um ambiente preponderantemente formativo. Como criar as condições para que isto se efetive na prática diária dos professores? Como efetivar isso na prática pedagógica do gestor escolar?

O que tenho percebido em quase dez anos de atividades na rede pública é que ainda estamos na perspectiva de professores aulistas (ARROYO, 2004), que ministram aulas, mas dificilmente conseguem pensar sobre elas, problematizá-las. A maioria dos professores que atuam na educação básica possui uma carga horária elevada, de até três turnos de trabalho semanal. Esta problemática se configura num entrave ao processo de formação continuada, de aperfeiçoamento da prática pedagógica, de qualificação dos processos de ensinagem e aprendizagem. Entretanto, cabe ressaltar que a diminuição da carga horária dos professores por si só, não garante a efetivação do processo formativo e de reflexão da prática pedagógica. Isto está associado ao comprometimento do educador com o seu fazer, compreendendo que o estudo, o planejamento e a reflexão da própria prática constituem parte fundamental do ofício de professor (FREIRE, 2002a).

No que tange este fato percebo certo descaso do professorado com a formação continuada. Os professores têm sustentado suas ações pedagógicas muito mais pelo seu tempo de atuação no magistério do que por sua qualificação técnica, teórica e prática, o que fica expresso em falas do tipo: “Professores com mais de dez anos de magistério deveriam ser dispensados de assistir palestra”.

Sobre este aspecto destaco a resistência que os professores que atuam nos anos finais do ensino fundamental tem em relação aos processos de formação continuada, ao planejamento e a revisão de posturas, conceitos, estratégias de ensino. Percebo que eles estão numa zona de conforto, não querendo ser incomodados. Representam um grupo de profissionais mais conservadores, confiantes em seus saberes da graduação e de cursos de especialização realizados em sua maioria com o único objetivo de ascender na carreira, com pouquíssima ou nenhuma implicação em seu modo de conceber e praticar o ensino e a aprendizagem.

Os professores dos anos finais, em sua grande maioria, pois sempre existem as exceções preocupam-se muito mais com o desenvolvimento dos conteúdos, com os índices de aprovação ou reprovação, com a indisciplina de determinados estudantes, com os cadernos de chamada, do que com ações educativas que não se limitem as paredes de uma sala de aula e que promovam uma maior interação e integração com a comunidade escolar.

Nas festividades realizadas pela escola, por exemplo, a participação dos professores dos anos finais, seu envolvimento, sua dedicação são bem diferentes, se dá em menor escala do que a dos professores dos anos iniciais. E o que justificaria esta situação? Por que num mesmo ambiente, com as mesmas diretrizes, orientações, exigências, proposta pedagógica, existir esta diferença de postura, de atitudes, de comprometimento?

Tem sido muito comum ouvirmos em reuniões de professores expressões do tipo: “Os anos iniciais carregam a escola”, numa alusão ao fato deste segmento ser mais comprometido com as ações desenvolvidas no ambiente escolar. Embora eu esteja tratando especificamente da escola arruda, minhas andarilhagens pelo mundo tem fortalecido este pensamento, principalmente porque no contato com outras escolas, percebo que o problema se repete.

No ano de 2014 quando a escola recebeu do MEC os resultados do IDEB e que este indicou forte queda na avaliação dos anos finais, reuni toda a equipe diretiva e pedagógica para analisarmos e pensarmos sobre aqueles dados, índices e informações, de forma a potencializarmos coletivamente ações que revertessem este quadro.

A partir daquele momento passamos a dialogar sobre o que estava acontecendo e o que tinha de ser revisto, refeito, repensado. Concluimos que era preciso investir forte em estratégias pedagógicas que desacomodassem os professores dos anos finais, que promovessem a transformação de suas práticas pedagógicas, de forma a reverem suas próprias ações. Era preciso incentivar a formação continuada, a reflexão da própria prática, a discussão daquilo que se faz e daquilo que se quer enquanto escola.

Outra situação que reforça o que está sendo dito, são dados da Secretaria de Município da Educação de Rio Grande/RS – SMEd que demonstram maior evasão nas reuniões de formação, fossem elas palestras, encontros, rodas de conversação dos professores dos anos finais em relação aos dos anos iniciais. Tudo isso, me indignou como gestor da escola arruda, por isso, era preciso “arregaçar as mangas” e mudar o cenário descrito.

Concluí que eu estava sendo muito permissivo como gestor escolar e não cobrando resultados, empenho, envolvimento dos professores dos anos finais que têm uma condição diferenciada de trabalho, pois, seguindo as orientações da secretaria de educação este professor trabalha em três dias com contato direto com os estudantes e os outros dois ficam reservados para sua formação, sendo um deles na escola.

Qual a posição que eu adotei como diretor da escola? Eu deixei os professores livres neste dia, ocupando este espaço-tempo da forma que quisessem, deixando claro que numa necessidade da instituição, eles seriam convocados. Adotei esta postura, porque sei das dificuldades do professor, que se desdobra em três turnos, em mais de uma escola, para ter uma condição de vida um pouco melhor. Com base nisso, optei em não ocupar de forma fixa este dia. Acreditava que seria uma forma de incentivar os professores a inovarem suas estratégias de ensino, sua postura perante os conteúdos, a escola e os estudantes, pois estava sendo ampliado o seu espaço-tempo de planejamento, estudo, reflexão e organização didático-pedagógica. Eu estava enganado!

Ao abrir mão da presença dos professores no dia da reunião de formação para facilitar sua vida que é atribulada por todos os motivos já conhecidos e enumerados eu os privei do direito de pensar, de refletir, de crescer, trocar, de aprender no coletivo, de fortalecerem sua própria prática pedagógica. Ao adotar este posicionamento eu privei a escola e a comunidade de ter profissionais mais comprometidos, mais engajados com a proposta pedagógica da instituição na qual atuam. Com esta medida equivocada eu estimei a acomodação dos professores, não contribuindo com a qualificação de seus saberes, dizeres e fazeres.

Foi preciso rever a caminhada, repensar os percursos e apontar novos rumos. É o que estou tentando fazer. O caminho a ser trilhado, é justamente conchamar os professores a refletirem sobre o que estão fazendo, sobre como estão ensinando, sobre qual a relação estabelecida entre os conteúdos e a experiência de vida de nossos estudantes, é pensar sobre as formas de ser e estar dentro do contexto escolar e sobre a escola que queremos e como podemos alcançá-la. Para isso, é fundamental o espaço da formação continuada, das reuniões de discussão, estudo e planejamento. É preciso dialogar, discutir e problematizar.

Para além da condição difícil de trabalho do professorado, que não nego, não posso como forma de compensação ou até de mascarar esta realidade, negligenciar um espaço-tempo rico de construções, produções, interações, que é o momento da formação. A formação continuada, defendida por mim tem de se tornar uma prática efetiva de forma a se constituir em melhorias nas práticas pedagógicas, nas formas de intervenção e de concepção no e com o mundo. É através dela que podemos consolidar e sustentar nossos saberes, dizeres e fazeres.

Outra medida que está sendo adotada refere-se ao acompanhamento do trabalho pedagógico desenvolvido pelos professores. Além de terem sido liberados da formação dentro do ambiente escolar, seu descompromisso também estava vinculado a uma falta de cobrança da equipe diretiva e pedagógica. Cobrança no sentido de fazer valer os acordos coletivos, de garantir a manutenção de uma proposta pedagógica de uma escola que não se feche em si mesma, mas que esteja articulada com a vida dos nossos estudantes, com a sua realidade, com os seus problemas, com a sua história. Uma escola que seja e esteja aberta a sua comunidade, que dialogue com as pessoas, com a associação de moradores, com o posto de saúde, com a igreja local, construindo uma proposta formativa pautada em princípios democráticos e cidadãos.

No momento em que inicio a segunda gestão como diretor da escola Arruda tomo ciência de algumas medidas que necessitam ser tomadas tendo como mote a qualificação da escola pública e dos serviços prestados por ela, com vistas a oportunizar conteúdos que sejam significativos e relevantes para a constituição de sujeitos éticos, conscientes e com capacidade

de intervir no contexto em que se encontram, de forma a atuarem para as melhoria de suas próprias condições de vida.

Não é uma tarefa fácil, de simples realização ou implantação. É um processo que exige a participação do coletivo de educadores, da comunidade escolar. É uma ação que tem de estar articulada com um projeto de escola, que reflete um projeto de sociedade e conseqüentemente uma visão de mundo. É preciso ter clareza e convicção de que a escola é um ambiente político, mediadora de conflitos e interesses diversos. Seu projeto tem ser claro, coeso e coerente com sua prática, sob pena de ter um discurso vazio que não se sustente nas ações realizadas por ela.

Foi preciso parar, refletir e recomeçar. Recomeçar para seguir em frente, reencontrando os caminhos que me conduzem na busca dos sonhos, da utopia, do inédito viável, da escola pública que ensina para a vida, para a formação da cidadania, para a transformação social, para a melhoria das condições de vida de todas as gentes, para a igualdade e para a justiça social. A escola pública que não discrimina, não segrega e não exclui. A escola pública que potencializa aprendizagens diversas, articulando os conhecimentos sistematizados com o saber local, com a experiência de vida dos nossos estudantes. A escola pública que não se cala diante das injustiças e mazelas sociais, pois tem consciência de seu papel político, de sua contribuição para a formação cidadã.

Freire (2002a) fala sobre a necessidade de o educador progressista estar em permanente processo de inquietação, de busca, de desacomodação, de forma a lutar incessantemente pela qualificação da escola pública, bem como, dos serviços por ela prestados. Esta luta tem de ser ainda maior nos espaços negligenciados, esquecidos pelo poder público, marcados ainda pela miséria, pelo desemprego, pela falta de acesso a cultura, ao lazer, ao esporte e a tantas outras formas de convivência, integração e interação social. É dentro deste contexto que está inserida a escola Arruda, localizada em um bairro periférico do município de Rio Grande/RS, caracterizado por elevados índices de analfabetismo, gravidez na adolescência, violência familiar, drogadição, sendo estes fatores que interferem diretamente na constituição de nossas crianças e jovens. É contra este cenário, como educadores comprometidos com a transformação social que devemos lutar e denunciar.

Cada vez mais fica evidente a necessidade de termos consciência acerca do papel político que temos como educadores e do compromisso que temos com a transformação e melhoria da realidade. Esta tem sido uma premissa em minha vida, o compromisso com a própria vida, não só com a minha, mas com a de todos os outros e outras no mundo. A par disto, outra conclusão é a relevância extrema de apostarmos e investirmos nos processos

formativos, nos espaços de discussão, de reflexão, de diálogo, de problematização do que se ensina e do que se aprende. Sendo assim, algumas questões são essenciais, como: O que estou ensinando? Como estou ensinando? E para quem, com quem estou ensinando?

Neste sentido é importante discutir, analisar e refletir sobre o processo de gestão da escola Arruda, a partir de sua organização, concepção, projeto político pedagógico e relação estabelecida com a comunidade com vistas ao estabelecimento de um ambiente democrático, plural e participativo, que congregue e não segregue, que inclua e não discrimine, que oportunize o acolhimento e a integração social.

É mais um desafio que se impõe aos professores da escola Arruda, especialmente, tendo em vista o seguinte fato, que muito me inquietou, indignou e revoltou: no início do ano letivo realizamos a acolhida aos estudantes com uma proposta diferenciada, com atividades recreativas e lúdicas, jogos, músicas, campeonatos esportivos, entre outros, numa perspectiva de que a escola tem de ser um espaço alegre, prazeroso, educativo e formativo. Dentre as atividades, acordamos com os professores que os pais ou responsáveis pelos estudantes seriam convidados a conhecer a escola, adentrar na sala de aula, conversar com o(a) professor(a) responsável pela turma, conhecer refeitório e a merenda que seria oferecida naquele dia. O objetivo desta ação foi que os pais ou responsáveis se sentissem livres para transitar pelos diferentes ambientes que constituem o espaço escolar, bem como, entender um pouco sobre o funcionamento e organização da escola.

Para nossa surpresa, como equipe diretiva e pedagógica, muitos professores ficaram na porta das salas de aula, de braços fechados, sem fazer questão alguma que os pais entrassem nas salas. Ao contrário criaram mecanismos e estratégias para impedir seu acesso. Alguns desprezaram a proposta, sentindo-se incomodados com a sua presença. A impressão que tínhamos é de que aquelas pessoas, humildes na sua maioria, tendo em vista nossa escola estar localizada em um bairro periférico do município de Rio Grande/ RS não eram consideradas dignas de estarem naquele ambiente e em contato com os professores. E porque isto?

Atitudes como essa são típicas do educador bancário (FREIRE, 2002b), que se coloca na condição do que sabe, do detentor do conhecimento e da verdade e que transfere seu saber aos que não sabem e, acima de tudo, se coloca num patamar superior em sua relação com as pessoas de baixo poder aquisitivo, caso da maioria das pessoas que forma nossa comunidade.

Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2002b) debate esta problemática, alertando para o fato de que o educador progressista não é aquele se coloca numa condição superior a do estudante, considerado o que não sabe e, assim, hierarquizando os

conhecimentos. Ao contrário, defende que educadores e educandos aprendam no diálogo, no compartilhar de experiências e de aprendizagens.

Neste processo de contar a mim mesmo minha própria história de vida, vou aprendendo sobre mim e sobre o mundo, estabelecendo redes de conhecimento que me constituem no educador/gestor que estou. Vou aprendendo que o processo de formação é permanente e necessário a prática que desenvolvo porque a partir da reflexão crítica sobre ela posso transformá-la, aperfeiçoá-la e melhorá-la. Vou aprendendo a ser, a dizer, a fazer e a conhecer. Vou aprendendo com a vida e com as experiências oriundas dela a ser gente. Vou aprendendo como na música “O que é o que é? do Gonzaguinha, a “beleza de ser um eterno aprendiz”.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARROYO, Miguel G. Ofício de mestre: imagens e autoimagens. 7<sup>a</sup> ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: Lembranças dos velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Inédito Viável (verbete). In: Streck, D. R; Redin, E. e Zitkoski, J. J. (orgs.). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 23<sup>a</sup> ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002a.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido. 33<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002b.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004.

SATT, Jorge Antônio de. Nas andanças pelo mundo, repensando caminhos... Assim me constituo educador ambiental. (Dissertação de Mestrado – Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental/FURG, 2009).